

Agricultura urbana, organização familiar e autonomia feminina ao sul da Cidade do México

Fernando Neira Orjuela - Fneira3@hotmail.com

Professor-pesquisador do

Centro de Pesquisas e Estudos Avançados em População (CIEAP)

Universidade Autônoma do Estado do México (UAEM)

Foto 1: Alejandro Chiriboga - Agricultura em Quito, Equador

Foto 2: Ailton Catão - Governador Valadares, Brasil

San Luis Tlaxialtemalco é uma pequena cidade no região de Xochimilco, ao sul da área metropolitana da Cidade do México, onde vivem 12.553 pessoas. Várias microempresas agrícolas têm sido implantadas em San Luis, dedicadas a produzir alimentos em estufas. Este estudo (1) verificou que a criação de tais empresas revelou-se uma estratégia válida para as famílias de produtores gerarem renda, mas também capaz de aumentar a capacidade de tomar decisões e a liberdade das mulheres da cidade.

A agricultura tem um papel significativo na vida das pessoas em San Luis. Desde o final dos anos 1970s, a produção agrícola vem acontecendo principalmente dentro de estufas, que fazem uso de antigas práticas agrícolas e de posse da terra. A produção de plantas ornamentais e de flores em estufas ainda é uma atividade tipicamente familiar, embora trabalhadores diaristas sejam contratados quando membros da família estão muito envolvidos com atividades não agrícolas, assalariadas ou não.

Divisão do trabalho

Em média, 67% dos lares envolvidos nessa atividade empregam três membros da família no trabalho agrícola. A divisão do trabalho por gênero incumbe os homens das atividades produtivas, especialmente das que envolvem o trabalho físico. As mulheres dominam a área comercial. Algumas atividades são realizadas em conjunto. Além dessas tarefas, pelas quais as mulheres não recebem remuneração, elas também continuam encarregadas de todas as tarefas domésticas, dobrando assim suas responsabilidades. A produção em estufas é uma atividade lucrativa para as famílias, como fonte efetiva de renda e de subsistência.

Fontes de renda e participação das mulheres

Das 15 famílias entrevistadas, 45% vêem a produção em estufas como sua principal fonte de renda, seguida por trabalhos pagos (35%) e atividades não assalariadas (20%) outras que não agrícolas (?). A despeito do nível mais alto de renda e de educação existente nos lares que têm alguma fonte de rendimentos fora da agricultura, a produção em estufas ocupa uma proporção significativa da população ativa da cidade, em parte por causa da ocupação que dá à mão-de-obra familiar.

A produção das plantas em estufa (como acontece em outros pequenos negócios e

comércios informais) depende muito da participação das pessoas da família. Tanto as famílias que trabalham nas estufas quanto as que trabalham no setor informal podem ser caracterizadas como predominantemente estendidas (incluindo muitos parentes além do "pai, mãe e filhos"), enquanto que a família nuclear predomina entre aquelas cujos chefes estão empregados no setor não agrícola formal.

Os arranjos de sobrevivência típicos das famílias estendidas favorecem a formação de microempresas agrícolas e não agrícolas, e que aproveitam as mulheres das famílias, particularmente as mais velhas e menos escolarizadas. As unidades produtivas e pontos de venda costumam ficar perto de suas casas, tornando mais fácil para essas mulheres conciliarem essas atividades com as tarefas domésticas. Mas como as mulheres que trabalham nas estufas não recebem um pagamento, seu trabalho contribui para a geração da renda familiar, mas não lhes proporciona rendimentos pessoais.

Atividades econômicas e domésticas

Enquanto a maior parte das mulheres é vista em atividades informais, inclusive na agricultura, os homens dominam as atividades assalariadas. As maiores disparidades de renda são verificadas entre os maridos e as esposas das famílias cultivadoras em estufa: praticamente nenhuma mulher recebe qualquer renda com seu trabalho, mas um terço dos homens chega a ganhar seis ou mais vezes o salário mínimo, e praticamente metade dos homens ganha entre quatro a seis salários mínimos. A produção em estufas portanto, embora lucrativa para as famílias, não permite às mulheres terem acesso à renda. O pouco que elas ganham é investido completamente nos lares, e não em si mesmas.

Independentemente de qualquer atividade econômica e produtiva, praticamente todas as mulheres investem mais de 60 horas por semana em suas várias atividades domésticas. No caso dos homens chefes-de-família, no geral eles não investem muito tempo em tarefas domésticas, embora, entre os homens que se dediquem à geração de renda em atividades informais, 25% deles dedicam entre 35 a 59 horas semanais a trabalhos domésticos.



Nas famílias de San Luis, há sempre muito trabalho independentemente do tipo de atividade com que os seus membros estejam envolvidos. As mulheres têm jornada dupla ou até tripla. Cerca de metade das mulheres da cidade está engajada em alguma atividade econômica, mesmo assim não estão dispensadas das longas horas de trabalho doméstico e, no caso daquelas que trabalham em estufas, isso não significa geralmente que elas vão gerar renda para si mesmas. As microempresas agrícolas são portanto uma opção econômica viável para a família, mas não contribuem para a equidade do gênero, já que elas aumentam a carga de trabalho das mulheres mas não seu status econômico pessoal.

Autonomia das mulheres

Duas dimensões da autonomia das mulheres produtoras foram estudadas em San Luis: o seu poder de tomar decisões e a sua liberdade de movimentos (especialmente das esposas). Embora seja verdade que as mulheres produtoras em estufas trabalhem mais mas recebam menos renda do que as mulheres assalariadas, o que é mais interessante é que elas desfrutaram de mais poder de decisão e de liberdade de movimentos do que as assalariadas, e muito mais se comparadas com as mulheres não ativas economicamente.

Isso é verdade apesar do fato de seu nível educacional ser um pouco mais baixo do que o das mulheres assalariadas. Nesse sentido, as microempresas agrícolas têm a capacidade de empregar as mulheres mais velhas e pouco escolarizadas, que têm um efeito positivo na autonomia das mulheres, embora sua carga de trabalho aumente e sua renda não.

Esse efeito positivo que a atividade econômica tem, na autonomia feminina, está em marcante contraste com o menor acesso à renda que as mulheres produtoras em estufa têm, se comparadas com as mulheres assalariadas. Além disso, isso mostra que um nível mais alto de educação não é necessariamente um fator determinante para aumentar o poder de tomar decisões e de liberdade de movimento para as mulheres.

No contexto da agricultura urbana, especialmente na produção de hortaliças em estufas, a participação na atividade econômica e o avanço da idade são fatores correlacionados diretamente com indicadores da autonomia feminina, como o poder de tomar decisões e o direito de se mover mais livremente. **Entre aquelas que trabalham fora de casa, esses indicadores são um pouco mais elevados entre as trabalhadoras não assalariadas e não agrícolas e entre as produtoras que usam estufas.** As mulheres das famílias que trabalham em estufas, as que não trabalham com agricultura, e as mulheres não assalariadas são, em média, mais velhas do que as assalariadas, e, com a idade, geralmente vêm uma maior capacidade de tomar decisões e de se movimentar.

Um elemento importante que pode contribuir bastante para a maior mobilidade das mulheres que trabalham em estufas ou em atividades informais não agrícolas, além da idade e da escolaridade, é o caráter de família estendida. Considerando-se que nesses tipos de lares existem outras mulheres para ajudar com as crianças, há mais possibilidade para as esposas deixarem a casa e menos necessidade de elas terem que negociar ou pedir permissão para essa mobilidade.

A maior mobilidade desses dois grupos também pode estar relacionada com o tipo de atividade comercial que as mulheres desenvolvem. Mesmo quando elas não recebem renda, elas manejam o dinheiro, saem de casa, compram e vendem produtos, e estão em constante contato com pessoas fora de suas casas. Mesmo assim, pode ser que essa situação não lhes traga a autonomia que elas desejam, por que em alguns casos o sistema de família estendida pode reduzir sua capacidade de decidir, por causa da presença de mulheres mais velhas e de outros parentes do sexo masculino.

Outros fatores determinantes que parecem afetar a autonomia feminina em San Luis são a dimensão sociocultural (dada a predominância econômica dos homens sobre as mulheres nas atividades agrícolas e noutras), e a estrutura e formas de organização familiar. Nesse sentido, as normas sociais e os valores que enfatizam a subordinação parecem tornar difícil para as mulheres produtoras se manterem economicamente por meio dos recursos que geram, contrabalançando os efeitos de seu maior poder de tomar decisões.

Comentários finais

Este estudo buscou abordar a questão de como as microempresas agrícolas podem gerar alternativas ao trabalho assalariado e podem impactar a participação econômica e a autonomia nessas unidades produtivas familiares, no contexto da agricultura urbana.

As microempresas agrícolas representam uma alternativa de sobrevivência diante da escassez de empregos urbanos bem pagos e propiciam o trabalho das mulheres; entretanto as mulheres que trabalham em estufas não recebem pagamento para tal.

Apesar dessa falta de renda própria, essas mulheres, muitas vezes mais velhas e pouco escolarizadas, parecem desfrutar de maior autonomia do que as mulheres assalariadas e principalmente do que as mulheres que não trabalham fora, possivelmente por causa de suas responsabilidades e tarefas comerciais.

Nota

Este artigo é uma síntese das conclusões de uma tese de doutorado em Estudos de População no Colégio do México.

[Sumario Revista No.12](#)